

CRA - CÂMARA DE RECURSOS NATURAIS, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: BRAZ ANTONIO PEREIRA COSENZA

TÍTULO: LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA FLORA E VEGETAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ

AUTORES: BRAZ ANTONIO PEREIRA COSENZA, BRAZ ANTONIO PEREIRA COSENZA, CRISTIANO VIANA, JOÃO VÍCTOR MOTTA DE SOUZA , LAYSA SILVA RIBEIRO, LETÍCIA

SCORALIQUE FILQUEIRAS, ALEXANDRE BITTENCOURT , MAX ANTONIONI DA SILVA, ANDRADE SALERNO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): Recursos Próprios

PALAVRA CHAVE: VESGETAÇÃO, UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, BIODIVERSIDADE

RESUMO

Atualmente a Mata Atlântica está reduzida a menos de 8% do total, ou seja, cerca de 100 mil km², resultado dos impactos dos diferentes ciclos de exploração econômica, indo desde a intensa atividade canavieira entre os séculos XVI e XVII, passando pela mineração do ouro e dos diamantes no século XVIII ao ciclo do café, que exerceu um impacto especialmente deletério sobre a Mata Atlântica durante o século XIX, e finalizando com ocupação urbana e a industrialização durante o século XX. A dinâmica da destruição foi mais acentuada nas últimas três décadas, resultando em alterações severas para os ecossistemas pela alta fragmentação do habitat e perda da sua biodiversidade. O resultado é a grande redução dos remanescentes florestais, que coloca a Mata Atlântica em incômoda posição de destaque no mundo: um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção. O bioma Mata Atlântica encontra-se intensamente fragmentado e por toda a sua extensão a ação antrópica se faz sentir, em maior ou menor intensidade, especialmente pela ocupação humana, exploração de madeiras e essências nativas, atividades de mineração, proximidade de pólos industriais, especulação imobiliária, construção de rodovias e barragens e pela proximidade dos remanescentes aos grandes centros urbanos. Em Minas Gerais, as fisionomias florestais se estendiam por uma vasta região do centro-sul e leste do Estado. Da mesma forma como ocorreu em vários outros estados brasileiros, onde o processo de ocupação e exploração remonta ao período colonial, a cobertura florestal primitiva de todo o estado se reduziu a remanescentes esparsos, sendo que a maioria se encontra bastante perturbada pela retirada seletiva de madeira ou situada em áreas onde a topografia dificulta o acesso, como é o caso da Zona da Mata de Minas Gerais. Originalmente, a Mata Atlântica cobria cerca de 90% da extensão territorial do Estado do Espírito Santo, sendo que o restante era coberto por brejos, restingas, manguezais, campos rupestres e campos de altitude, considerados como ecossistemas a ela associados. Além do desmatamento das áreas florestais, de 1990 a 1995 também ocorreu uma perda de 876 ha de vegetação de restinga e 271 ha de manguezal, representando um decréscimo de 2,74 e 3,80% da cobertura antes avaliada. Até 1995, os remanescentes no Espírito Santo, incluindo formações secundárias e bastante degradadas, totalizavam apenas 406.007 ha, ou seja, 8,9% da cobertura florestal original. Em relação às restingas e manguezais, restaram 31.822 e 6.849 ha, respectivamente. A situação atual do bioma da Mata Atlântica em Minas Gerais e no Espírito Santo é muito preocupante, restando apenas poucas áreas de remanescentes florestais. Com este quadro de fragmentação e perda acelerada da biodiversidade, estudos detalhados da composição florística e da estrutura fitossociológica das espécies poderão gerar uma contribuição substancial para a conservação dos recursos genéticos e recuperação de fragmentos degradados da Mata Atlântica, principalmente no caso do Parque Nacional de Caparaó, considerada como área "Especial Importância Biológica" por apresentar espécies da flora, ameaçados de extinção e remanescentes significativos da vegetação nativa. Foi realizado um levantamento do material coletado na Unidade de Conservação, depositado no Herbário da Universidade do Estado de Minas Gerais (HUEMG). Estas coletas são provenientes de projetos e programas desenvolvidos com a parceria entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e o HUEMG, além de doações de outros herbários brasileiros, em especial o Herbário da Universidade Federal de Viçosa - VIC. Foram extraídas das etiquetas informações sobre as famílias, gêneros, espécies, autor, coletor, data de coleta, procedência, hábito, altitude, floração ou frutificação e demais observações importantes referentes aos ambientes do Parque Nacional do Caparaó. Foi registrado um total de 273 espécies distribuídas em 170 gêneros e 69 famílias, sendo Fabaceae, Melastomataceae, Rubiaceae, Asteraceae, Solanaceae, Orchidaceae, Bromeliaceae, Piperaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae responsáveis por 55% das espécies inventariadas. Essas informações ampliam o conhecimento sobre a Flora do Parque Nacional do Caparaó, e reforçam a necessidade de conservação desse importante remanescente de Mata Atlântica e suas formações vegetacionais associadas, principalmente os campos de altitude, em função da riqueza e da presença de espécies raras e ameaçadas de extinção.